



**Café agroecológico: uma viagem investigativa na Colômbia para o fortalecimento da cafeicultura no brejo paraibano**  
*Agroecological coffee: an investigative journey in Colombia to strengthen coffee growing in the Paraíba swamp*

PEREZ, Juan Camilo<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Renê Louis<sup>2</sup>;  
<sup>1</sup> UFPB, agroecologiajuanc@gmail.com; <sup>2</sup> UFPB, rnemcdo369@gmail.com

**RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

**Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar**

**Resumo:** A “revolução verde” influenciou na agricultura, implantando pacotes tecnológicos a base de sementes modificadas, uso de agrotóxicos e máquinas no processo produtivo. Gerando problemas ambientais como erosão, contaminação de fontes hídricas e perda de biodiversidade. Nessa perspectiva, cafeicultores estão voltando ao uso de práticas agroecológicas, com base em sistemas agroflorestais, erradicando o uso de agrotóxicos e produzindo cafés especiais de alta valorização no mercado. Assim, membros do grupo “Café Agroecológico” vinculado ao NEPAL, da UFPB campus III, realizaram viagem investigativa a Colômbia para contribuir no fortalecimento da cafeicultura no brejo paraibano. A metodologia aplicada na experiência foi a Investigação Ação Participação (IAP), e a metodologia “*De campesino a Campesino*”, para o debate e troca de saberes sobre a história do café e sua transição agroecológica. Como resultado se socializa duas tecnologias sociais da Colômbia e de fácil replicação no brejo paraibano.

**Palavras-Chave:** sustentabilidade; café; agroecologia; diversidade.

**Contexto**

No curso de Agroecologia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias CCHSA da Universidade Federal da Paraíba UFPB, campus III; e através do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia NEPAL, se cria o grupo “Café Agroecológico” conformado por professores, estudantes e agricultores, que desenvolvem diferentes pesquisas e processos de extensão. Atualmente um de seus membros mais novos, advindo da Colômbia, traz conhecimentos e informações que tem promovido a troca de saberes entre os países vizinhos com relação às formas de manejo no cultivo do café, desde uma perspectiva dos camponeses e/ou agricultores familiares em transição agroecológica.

Na Colômbia, segundo Acevedo et al., (2015) e Santacoloma, (2015) a agricultura familiar contribui com um pouco mais da metade da produção agrícola, com cerca de 80% da produção cafeeira e com uma terceira parte do valor da produção pecuária. Registros indicam que o grão de café chegou na Colômbia por volta de 1700, a produção e a comercialização do produto para o exterior começou no início de 1835 e em 1860 tornou-se o principal produto de exportação (FNCC). E espalhou-se com ajuda da agricultura familiar, em pequenas propriedades de elevada altitude, entre 1200 e 2000 m.s.n.m. (RAMÍREZ, 2010).

Esses cultivos, se desenvolviam em sistemas agroflorestais em consórcio com



banana (*Musa sp.*) nogal (*Juglans regia*), guayacan (*Tabebuia chrysotricha*), ingá (*Inga edulis*), abacateiros (*Persea americana*), goiabeiras (*Psidium guajava*), entre outras espécies florestais para produção principalmente de frutos e madeiras. Esta forma de manejo, proporcionou além do crescimento e fortalecimento econômico das famílias, a segurança e soberania alimentar.

Assim se vivenciaram as bonanças do café no território colombiano até a crise de finais do século XX e inícios do século XXI, que com a modernização dos sectores productivos e a implementação da chamada “revolução verde”, implicaram mudanças significativas nas formas de manejo das unidades produtivas, e com isso na estrutura familiar; o que significou além da compra do pacote tecnológico a base de sementes melhoradas, insumos químicos e maquinarias; a necessidade de vincular trabalhadores externos ao núcleo familiar, o que consolidou uma nova estrutura cafeeira, que passou de ser familiar a empresarial ou capitalista com alta demanda de mão de obra e proletarização do campesinato, que em muitos dos casos não conseguiu se adaptar aos modelos tecnológicos impostos para os cafeicultores, já que além de caro, era inviável em terras de ladeira, que não são mecanizáveis.

Todas estas situações relacionadas às novas formas de manejo dos cultivares de café em sistema de monocultivo a pleno sol, trouxeram novas pragas e doenças, desequilibrando finalmente o sistema produtivo; levando a muitas famílias a quebrar economicamente, e em muitos casos a migrar para as cidades em busca de outras oportunidades. Isso levou a mobilizações sociais como o Paro Nacional Cafeeiro de 2012 (CRUZ RODRÍGUEZ, 2013).

A origem do café no Brasil, também acontece na mesma época, as primeiras mudas de café foram plantadas ainda nos anos de 1720, na província do Pará (ilha do marajó), de sementes trazidas da Guiana Francesa. A partir daí, o café foi difundido pelo litoral brasileiro, até chegar à região do Rio de Janeiro, por volta de 1760. Também tornou-se o principal produto de exportação a partir de 1937, onde os grandes lucros decorrentes da exportação, enriqueceram os grandes fazendeiros chamados de “Barões do café” (PINTO, s.d.). A produção do café no Brasil, dependeu intensamente da força de trabalho escravo, caracterizado basicamente pela monocultura voltada para a exportação. No Brejo paraibano, teve seu ciclo da segunda metade do século XIX até início do século XX. Nesse período, a região chegou a ter seis milhões de pés de café; em municípios como Alagoa Nova, Areia, Bananeiras e Serraria (PODESTÁ, 2020).

No entanto, tanto na Colômbia como no Brasil as primeiras formas de manejo dos cultivares de Café, se realizaram em consórcio com outras espécies agrícolas e agroflorestais, sem uso intensivo de agrotóxicos, coletando de forma manual e beneficiando o grão com auxílio de tecnologias artesanais. Porém, assim como em todo o território suramericano a “revolução verde” trouxe com o tempo problemáticas socioambientais como erosão, contaminação do solo e das águas, perda de biodiversidade e deterioro da saúde pública, entre outras coisas específicas de cada país. Desde essa perspectiva, os cafeicultores estão voltando a práticas



agroecológicas, com base em sistemas agroflorestais e consórcios para cultivares de café, erradicando o uso de agrotóxicos e produzindo cafés especiais de alta valorização no mercado nacional e internacional.

### **Descrição da Experiência**

Neste contexto, 2 estudantes (um colombiano e outro brasileiro) do curso de Agroecologia UFPB Campus III, vinculados ao NEPAL decidimos realizar uma viagem à Colômbia durante o período das feiras universitárias entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, praticando um intercâmbio sociocultural tendo como foco a formas de produzir café, promovendo a troca de saberes com a discussão sobre o café agroecológico, e dessa forma contribuir ao fortalecimento da cafeicultura no brejo paraibano, missão que já vêm se desenvolvendo junto a associação de Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), a Cooperativa dos Agricultores Familiares do Município de Bananeiras/PB (COPAFAB), a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária – EMPAER, entre outras pessoas, através de ações como oficinas e encontros na troca de saberes tradicionais e científicos para a construção de um café agroecológico que garanta a segurança alimentar das comunidades, assim como o cuidado das águas e da biodiversidade.

A base fundamental para o desenvolvimento da experiência foi utilizar a metodologia Investigação Ação Participação (IAP), e a metodologia “*De campesino a Campesino*”, que é uma forma participativa de promoção e melhoramento dos sistemas produtivos camponeses, partindo do princípio de que a participação e o empoderamento, são elementos intrínsecos no desenvolvimento sustentável, que se centra na iniciativa própria e protagonismo dos camponeses e agricultores familiares (PIDAASSA, 2006).

Desta forma, durante a travessia se procurou por cenários que tivessem a ver com café ou pessoas envolvidas no cultivo e beneficiamento do café, visitando desde cafeterias nas zonas urbanas até pequenos produtores nas áreas rurais dos Andes centrais da Colômbia. A travessia se iniciou no nordeste brasileiro, especificamente no brejo paraibano, até o eixo cafeeiro da Colômbia, especificamente no estado (departamento) do *Tolima* e seu retorno ao ponto inicial, atravessando vários estados do norte do Brasil via terrestre e visitando diferentes municípios do centro da Colômbia no eixo cafeeiro.

A equipe percorreu 2.200 kms de ônibus até Belém do Pará, onde contínuo em navio 4.615kms pelo Rio Amazonas por 13 dias até a cidade de Tabatinga Brasil, fronteira que faz divisa com a cidade de Letícia Colômbia, e de aí, de avião 1.100 kms até a capital da Colômbia, Bogotá. Posteriormente de ônibus mais 195 kms até a zona cafeeira da Colômbia, especificamente no município de Líbano Tolima, localidade onde se visitou algumas propriedades camponesas e da agricultura familiar, trocando conhecimentos sobre tecnologias sociais de baixo custo para germinação, plantio e beneficiamento do café. A volta até a Paraíba foi feita pela mesma rota, por todo foram 23 dias de experiência vivencial na Colômbia.



Figura 1: Fotografia da equipe degustando um Café Colombiano em uma das cafeterias mais antigas do Tolima no município do Líbano Tolima (1.565 msnm) “Coffea arabica variedade castilla” fevereiro 2023.



## Resultados

Graças ao intercâmbio de conhecimentos e a análise das características particulares entre os dois países na produção de café, se evidenciou que na Colômbia uma das principais práticas no beneficiamento do café, é o café lavado, que após amadurecer e despulpado, fica de molho na água para extrair e fermentar por 12 a 16 horas. Em seguida, o grão é seco naturalmente ao sol. Essa técnica ao parecer resulta em um café menos ácido.

Já no manejo do grão brasileiro é processado a seco, ou seja, ainda dentro da fruta. Esse processo faz o grão preservar boa parte da doçura. No entanto alguns produtores agroecológicos de café colombiano já estão realizando uma mistura de estas duas técnicas, conseguindo um café menos ácido e conservando os aromas e doces da polpa.

Identificou-se várias tecnologias sociais desenvolvidas na Colômbia, que podem ser implementadas nos cultivos de café no Brejo paraibano, desde uma perspectiva agroecológica, tendo em conta as similaridades do clima dos dois territórios apesar das diferenças altitudinais. Entre estas tecnologias vamos ressaltar:

1. **Germinação em meio inerte:** Realizada em caixa suspensa de madeira ou bambu para depositar o meio a base de areia de rio lavada, peneirada e esterilizada com água fervendo para eliminar todo tipo de microorganismos, depois se colocam as sementes de café que estiveram 24 horas em água, a 1 cm de profundidade e cobertas com sombrite e folhas secas de bananeiras (ver figura 2). As sementes iniciaram a emergência aos 30 dias, e aos 90 dias as plântulas já estarão prontas para transplantar em sacolas de 2 kg, com substrato do próprio sítio utilizando uma mistura de 3 partes de terra preta para uma parte de estírcol curado de boi. Nos sacos ficam por 120 dias até estarem prontas para serem implantadas no local definitivo.



Figura 2: Imagem do método de germinação realizado por cafeicultores da Colômbia sendo replicado no município de Serraria PB. tres variedades de coffee arabica (Acauã novo, Mundo novo, Arara) Julho 2023.



**2. Marquesina:** é uma tecnologia social de baixo custo fabricada com bambu Guadua (*Angustifolia kunth*) muito utilizada para secar as culturas de feijão, milho, cacau e principalmente café. A Marquesina pode ser construída com madeiras e ripas substituindo o bambu.

Figura 3: Imagem de marquesina utilizada pelas famílias agricultoras na Colômbia para o beneficiamento de grãos pós colheita, principalmente o Café, a implementar futuramente nos municípios do brejo paraibano.



Concluimos que a troca de saberes entre o conhecimento popular de agricultores familiares e camponeses, assim como os conhecimentos técnicos e científicos de pesquisadores, estudiosos e extensionistas na área do cultivo do café, contribui de forma significativa no resgate do café, não só no Brejo paraibano, como também em diferentes regiões da América do Sul, desde uma perspectiva de café agroecológico, que tem um manejo adequado com os primeiros tratos para a germinação da semente até a colheita e beneficiamento dos frutos. Implantando os



sulcos com culturas de ciclo curto, médio e longo prazo, em sistemas agroflorestais que geram segurança alimentar das famílias cafeicultoras ao ter variedade de alimentos e recursos, além de promover a conservação e proteção das fontes hídricas e a biodiversidade.

### Referências bibliográficas

ACEVEDO, Alvaro et al. Contribuciones de la agricultura familiar en Colombia desde el enfoque de la multifuncionalidad. Tres estudios de caso de agricultura familiar (WP). Documentos de trabajo. 2015. In: MORENO-HENAO, Jhusty Meliza; OSORIO -VARÓN, Jorge Alexandre. Balance económico de la agricultura familiar cafetera en el sur del Tolima: Estudio de Caso en el municipio de Chaparral. **Agroforesteria Neotropical**. n. 7. 2017. Disponível em: <https://revistas.ut.edu.co/index.php/agroforesteria/article/view/1342/1018>

CRUZ-RODRIGUEZ, Edwin. "Todos somos hijos del café": sociología política del Paro Nacional Cafetero. **Entramado**, v. 9, n. 2, p. 138-158. Universidad Libre. Cali, Colombia. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2654/265429948010.pdf>

FNCC. Federación Nacional de Cafeteros de Colombia. **Historia del Café de Colombia**. Disponível em: <https://www.cafedecolombia.com/particulares/historia-del-cafe-de-colombia/>

PODESTÁ, Guilherme. Reportagem de Ivandro Candido, com informações de Guilherme Podestá | Edição: Pedro Paz. Ascom/UFPB, 2020. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/projetos-da-ufpb-revigoram-cafeicultura-no-brejo-paraibano-1>.

PIDAASSA. **Construyendo procesos De Campesino a Campesino**. Programa de Intercambio, Diálogo y Asesoría en Agricultura Sostenible y Seguridad Alimentaria. 2006

PINTO, Tales dos Santos. "**Raízes do café no Brasil**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/o-cafe-no-brasil-suas-origens.htm>

RAMÍREZ, Renzo. **Estudios e historiografía del café en Colombia, 1970-2008**. Una revisión crítica. En *Cuadernos Des. rural*. v. 7 n 64 p. 13-31. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-14502010000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-14502010000100002&script=sci_arttext)

SANTACOLOMA-VARÓN, Luz Elena. Importancia de la economía campesina en los contextos contemporáneos: una mirada al caso colombiano. **Entramado**. v. 11, n. 2, p. 38-50. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1900-3803201500020004](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-3803201500020004)